



Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia

ISSN: 1415-0549

revistadafamecos@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Brasil

Sibilia, Paula

O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas  
Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 21, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 24-55

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495551015003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Revista

# FAMECOS

mídia, cultura e tecnologia

Cibercultura

## O que é obsceno na nudez? Entre a Virgem medieval e as silhuetas contemporâneas<sup>1</sup>

*What is obscene about nudity? Between the medieval virgin and contemporary silhouettes*

PAULA SIBILIA

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – IACS/UFF.

[<sibilia@ig.com.br>](mailto:sibilia@ig.com.br)

### RESUMO

A partir de alguns episódios ocorridos em 2012, nos quais a rede social *Facebook* suspendeu as contas de várias usuárias que publicaram fotos amamentando seus filhos, este ensaio tece uma reflexão sobre certas transformações ocorridas ao longo dos últimos séculos na sociedade ocidental. O foco se concentra nos deslocamentos simbólicos e morais em torno da nudez do seio feminino que é exposto ao público, procurando identificar os sentidos das reações censoras que esta imagem tem motivado em diversos momentos históricos. A intenção é contextualizar esta atitude, não só a partir da análise de certas manifestações que tal gesto provocou (tanto na internet como na mídia em geral), mas também recorrer a uma perspectiva genea-

### ABSTRACT

Starting from a few 2012 episodes, in which Facebook suspended the accounts of several users that had published pictures of themselves nursing their children, this essay raises some thoughts about some transformations occurred in the past few centuries in western society. The focus is the moral and symbolic displacement surrounding the nudity of the female breast, trying to identify the meaning of the censorship this image has caused in several historical periods. The intention is to contextualize this seemingly anachronistic attitude of the American company, not only as through the analysis of certain protests this gesture has provoked in the internet and the general media, but also resourcing to a genealogical perspective capable of questioning today's moralization and interdiction

lógica capaz de indagar na contemporaneidade dessas moralizações e interdições que parecem remeter a outras épocas. Em suma, procura-se detectar o que se considera obsceno em diferentes épocas, para compreender a situação em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nudez. Análise genealógica. Censura. Facebook. Photoshop.

that seem to belong to a different era. Summing up, we try to examine the ways in which the mutant effect of the body's nudity, that has been able to provoke a diversity of scandals, purity, taboo and censorship in different times to comprehend particularly the current and complex meanings of the Facebook episodes of 2012.

**KEYWORDS:** Nudity. Genealogical analysis. Censorship. Facebook. Photoshop.

“

*[Proíbe-se] pintar Nossa Senhora e as santas com decotes e vestiduras profanas que elas nunca usaram, seja com os seios descobertos, seja em poses provocantes, seja com adornos das mulheres do século."*

IV Concílio Provincial Mexicano (1771)

“

*Facebook tem uma política rígida contra o compartilhamento de conteúdo pornográfico e qualquer conteúdo sexualmente explícito onde um menor de idade está envolvido. Também impomos limitações na exibição de nudez."*

Padrões da comunidade do Facebook (2012)

A inquietação que move este ensaio começou em janeiro de 2012, quando uma jovem mãe canadense foi suspensa da rede social mais popular do mundo, *Facebook*, após ter postado em sua página pessoal algumas fotos em que aparecia amamentando seus

filhos. “We have removed sexually explicit content from your account”, dizia a mensagem oficial que justificava tal gesto. O curioso é que tal “conteúdo sexualmente explícito” que fora censurado consistia num conjunto de fotos pertencentes ao álbum familiar da moça, cujo teor “pornográfico” está longe de ser evidente para os padrões de nossa cultura (Fig. 1).

Revoltada com o que considerou um abuso e um ato de discriminação, a mulher resolveu se manifestar publicamente por meio de entrevistas concedidas a jornais locais. Como consequência do desabafo e das reações suscitadas, tanto na internet como na mídia mundial, o Facebook lhe pediu desculpas por email, mas ela as recusou, pelo menos até que a empresa promettesse treinar seu pessoal para que essas fotos não sofressem mais remoções. Com efeito, segundo depoimentos dos mesmos representantes da rede social à imprensa, as imagens desse tipo em que aparece “um seio completamente exposto” são consideradas “nudez” e, portanto, “podem ser removidas se forem denunciadas” (Shoemaker-Galloway, 2012). O discurso da empresa é ambíguo: enquanto afirma que apoia o compartilhamento dessas fotografias entre as mães que utilizam a rede, “milhares de mulheres tiveram suas fotos *deletadas*”, de acordo com a denúncia da mesma usuária canadense, que disse conhecer pelo menos uma dúzia de casos posteriores ao seu, com suspensões de contas em países como a Nova Zelândia e os Estados Unidos (Pemberton, 2012). Isso, além do próprio histórico: “desde 2008, tive mais de vinte fotos apagadas e minha conta foi desativada quatro vezes, uma delas durante trinta dias” (Shoemaker-Galloway, 2012).



Figura 1 – A página da usuária canadense que teve sua conta suspensa por ter postado “material sexualmente explícito”.

Fonte: Vancouver Sun, 17/01/2012.

Mesmo depois da repercussão negativa que acarretou a discussão pública deste caso, a prática persistiu. Em novembro do mesmo ano, uma usuária estadunidense postou uma foto amamentando a filha de um ano de idade e, em seguida, sua conta do *Facebook* foi suspensa durante dois dias. Na imagem, a menina aparecia mamando enquanto segurava um pedaço de bacon roubado do prato da mãe, com a seguinte legenda em tom de brincadeira: “entre o leite materno e o bacon, ela ficou com a segunda opção” (Fig. 2). De acordo com a protagonista e autora da foto, “mais de mil e quinhentas pessoas *curtiram* a imagem e outras quarenta chegaram a compartilhá-la”. Alguém não gostou, porém, e deixou o seguinte comentário: “essas são as crianças que crescem para se tornarem criminosos sexuais”. A jovem mãe reproduziu essa mensagem em seu blog e, como reação, foi denunciada eficazmente na rede social *Facebook*. Tão irada quanto sua colega canadense pelo que considerou uma reação censuradora e descabida por parte da empresa, a moça anunciou que protestaria postando a maior quantidade possível de fotos de mulheres amamentando seus filhos, o que motivou outra suspensão de sua conta (Usuária, 2013).



As Croxley-Corcoran says on her blog, the photo was generally well received -- 1,500 people "liked" it and 40 people shared it. But one Facebook commenter didn't find the

**Figura 2** – A foto da usuária norte-americana amamentando a filha, que motivou a suspensão de sua conta. Fonte: IG São Paulo, 20/11/2012.

### Uma censura anacrônica?

Os acontecimentos acima relatados são bastante curiosos, sobretudo porque neles não está envolvida uma obscura seita que defende dogmas e costumes retrógrados: são decisões tomadas por um dos baluartes do século XXI. Afinal, com sua escassa década de existência, essa atualíssima rede social vem cativando centenas de milhões de

usuários graças a sua proposta de sociabilidade online, contribuindo para transformar os modos em que vivemos e nos relacionamos com os outros. Por isso, alguma coisa parecia estar fora de ordem nestas notícias: teriam se tratado de mal-entendidos isolados, algum erro logo esclarecido e reparado, talvez uma brincadeira; ou uma audaciosa jogada de marketing como as que são tão habituais nessas arenas? Não, aparentemente não foi nada disso, mas algo bem mais atávico: a simples aplicação da velha censura provocada pela exposição da nudez feminina considerada “indecente”. Entretanto, o gesto parece anacrônico: como é possível que algo assim ocorra atualmente, numa época tão aberta para toda sorte de imagens e hábitos corporais?

Sabe-se que *Facebook*, assim como *Youtube* e outras companhias desse gênero, não permitem a publicação de material pornográfico nos espaços da internet por elas administrados e oferecidos de forma gratuita a seus milhões de usuários. Segundo os *Padrões da comunidade do Facebook*, por exemplo, uma espécie de estatuto apresentado numa página do próprio site, há certas expressões que se consideram “aceitáveis” para a publicação nessa rede social, e outras que não. Em consequência, estipula-se que estas últimas podem ser “denunciadas ou removidas”. A empresa destaca, por exemplo, que tem “uma política rígida contra o compartilhamento de conteúdo pornográfico e qualquer conteúdo sexualmente explícito onde um menor de idade está envolvido”, acrescentando que “também impomos limitações na exibição de nudez” (Facebook, 2013). Depois, o texto acrescenta o seguinte: “almejamos respeitar o direito das pessoas de compartilhar conteúdo de importância pessoal, sejam fotos de uma escultura, como Davi de Michelangelo, ou fotos de família da amamentação de uma criança” (Facebook, 2013). Este último esclarecimento foi adicionado, provavelmente, após as muitas críticas recebidas em virtude dos episódios aqui comentados.

Deixando de lado as contradições e controvérsias do caso, cabe imaginar a dificuldade implícita em fazer vigorar tais políticas num ambiente tão múltiplo, imenso

e mutante como é a internet, onde a pornografia corresponde a 30% de seu tráfego (Nizs, 2012). Mas tanto *Facebook* como *Youtube* e outras firmas do gênero mantêm mecanismos de vigilância permanente para que essas regras sejam cumpridas por seus milhões de usuários. Estes são encorajados a colaborar nessa tarefa de manutenção da ordem, aliás, “denunciando abusos”, como diz o estatuto antes citado. “Se você encontrar algo no *Facebook* que considerar uma violação aos nossos termos, informe-nos”, solicita o texto, esclarecendo que “denunciar um conteúdo não garante que ele será removido” (Facebook, 2013). Desse modo, os próprios usuários costumam acatar essas normas voluntariamente, sabendo que todo material “impróprio” poderá ser denunciado e desativado, além de motivar possíveis suspensões. Mas também se conta com a ação ativa dos sistemas informáticos e dos funcionários dessas companhias, que se ocupam de tirar do ar tudo o que exceder seus padrões morais e legais.

O zelo nessa empreitada é tamanho que se chega a proibir a exibição de imagens como as das **Figuras 1 e 2**, mesmo que elas sejam do tipo que todos estamos acostumados a ver — ou, inclusive, a protagonizar — em locais públicos hoje em dia, sem que ninguém lamente sua indecência ou faça denúncias por obscenidade. É por tudo isso que a reação do *Facebook* surpreende. Quais são as motivações dessa censura tão aparentemente descabida, que deflagrou inúmeros protestos e chegou a colocar a badalada empresa à beira do ridículo? Em suma, o que isso tudo tem a nos ensinar sobre nossa cultura, particularmente sobre nossa moralidade e nossos modos de nos vincularmos com os outros? O que se considera obsceno hoje em dia, e por quais motivos? Que tipos de imagens podem ser mostradas, nesta era de saturação da visibilidade, e em que condições?

É impossível ignorar que todos os acontecimentos acima referidos ocorreram num ambiente cultural no qual a nudez não parece mais capaz de escandalizar ninguém. Muito menos o seio nu de uma mãe que amamenta seu filho, imagem que reproduz

com este gesto uma cena ancestral com certa aura de santidade e reminiscências virginais, que remete a um dos tópicos mais prolíficos de nossa tradição iconográfica: a *Madonna*. Foi precisamente essa imagem de tão longa e densa raiz, aliás, uma das mais citadas e reproduzidas por aqueles que se manifestaram, a ser utilizada tanto na mídia tradicional como na própria internet, para se opor às medidas tomadas por *Facebook*. Por isso, vale a pena aprofundar essa associação explorando suas arestas e forçando os limites da comparação, a partir de uma perspectiva genealógica capaz de dar sentido a seu aparente anacronismo. Até que ponto ambos os tipos de imagens são comparáveis, levando em conta os muitos séculos que as separam e as divergências nos valores religiosos, espirituais, eróticos e morais que as envolvem, tanto a elas como a nós, seus ativos espectadores ou até mesmo produtores e protagonistas? Quais são as tensões que elas carregam e os efeitos que são capazes de produzir, tanto agora como antes?

Com essas questões na mira, cabe esmiuçar algumas das filigranas que compõem esse peculiar tecido histórico, para tentar descobrir se tais laços persistem e continuam sendo significativos, analisando em que medida e de que maneira eles se reformularam nos últimos séculos. Afinal, a breve genealogia aqui proposta aponta para algo fascinante: as formas e os efeitos mutantes da nudez do corpo humano, aquela que soube provocar uma diversidade de escândalos, pudores, tabus e censuras no decorrer do tempo. A intenção dessa sondagem consiste em detectar o que se considera obsceno em diferentes contextos históricos, com o propósito de compreender particularmente a situação atual e, em especial, os complexos sentidos das ocorrências descritas nas páginas precedentes. Para tanto, a seguir, deslocaremos a atenção para certas criações medievais e renascentistas, cujo vínculo com as figuras banidas do *Facebook* é imediato e pode até parecer óbvio. Contudo, elas também exalam suas especificidades, afinçadas na devoção religiosa e na vocação evangelizadora da cultura cristã que as engendrou,

e que dirigia tanto aos corpos humanos como a suas representações um olhar muito peculiar. Em princípio, tudo isso parece bem distante das tendências hoje em vigor, mesmo que estas últimas sejam múltiplas e contraditórias, estimulando ainda mais a indagação do que escondem e revelam essas continuidades em conflito.

### Da pureza maternal à deplorável falta de decoro

O caso enfocado em primeiro lugar será o da *Virgem do Leite*, um motivo pictórico com extensa tradição em diversos países europeus ao longo da Idade Média e da Renascença.

Trata-se da imagem de Nossa Senhora amamentando seu filho, numa pose que com frequência implicava a ostentação de um seio cujo mamilo se oferecia à boca aberta do santo bebê (Fig. 03, 04, 05 e 06). A linhagem dessa iconografia



Figura 3 – Giovanni Pisano, antes de 1314.

Fonte: Museu Nacional de San Matteo, Pisa, Itália.



Figura 4 – Pedro Machuca, 1517.

Fonte: Museu do Prado, Madri, Espanha.

remonta até o século II, pois já estava presente nos afrescos paleo-cristãos do cemitério romano conhecido como Catacumbas de Priscila, mas teve seu apogeu entre os séculos XIII e XVII em toda a Cristandade. Nas colônias latino-americanas, especialmente naquelas sob o domínio hispânico, sua presença se expandiu com bastante fervor e se manteve ativa por ainda mais tempo, brilhando sobretudo entre o final do século XVI e o início do XVIII.



Figura 5 – Bartolomé Bermejo, final séc. XV.

Fonte: Museu de Belas Artes, Valência, Espanha.



Figura 6 – Roger van der Weyden, 1460.

Fonte: Instituto de Arte de Chicago, Estados Unidos.

Em certas ocasiões, esse leite materno exaltado nas imagens não nutre apenas o menino Jesus, mas ele alimenta também certos homens adultos. É o que acontece no motivo dedicado à *Lactação de São Bernardo*, por exemplo, que retrata o milagre ocorrido

no século XI a esse santo de origem francesa, ou episódios similares vivenciados por outras figuras ilustres do santoral, tais como São Pedro Nolasco, São Domingos, São Caetano, Santo Agostinho ou São Vicente<sup>2</sup>. Nestes casos, um jato flui do peito da Virgem e cai na boca masculina ou, então, o santo em questão mama direto do seio deixado livre pelo filho de Deus (Fig. 07, 08, 09 e 10). Essas imagens surpreendem atualmente devido à complexa mistura entre o simbolismo religioso ligado à nutrição física e espiritual, por um lado, e as conotações eróticas que também nela palpitam; pelo menos, para o olhar contemporâneo.



**Figura 7**– Ignacio Chacón, 1663.  
Fonte: Mosteiro de La Merced, Cuzco, Perú.



**Figura 8** – Anônimo, séc. XIII.  
Fonte: Catedral Saint Etienne de Bourges, França.



Figura 9 – Pere Lombard,  
1410-1415.  
Fonte: Museu do Prado,  
Madri, Espanha.



Figura 10 – Alonso Cano, 1656.  
Fonte: Museu do Prado, Madri, Espanha.

Apesar da intensa carga corporal que assombra toda a imageria cristã – e das armadilhas que essa característica implica para sua interpretação na atualidade –, cabe notar que são raras as imagens da Virgem Maria grávida ou parindo, por exemplo, embora saibamos que somente a concepção fora “imaculada”. De modo semelhante, se por um lado abundam as anunciações, as ascensões, os profusos martírios e as

levitações, pouco ou nada foi registrado no plano visual sobre as menstruações, as contrações e até mesmo os orgasmos, as ereções ou as ejaculações, que também deviam ocorrer com regularidade cotidiana naqueles tempos; e que, por que não, poderiam ter sido objeto de miraculosa adoração<sup>3</sup>. No entanto, há certas imagens procedentes daquele universo que hoje impressionam por sua brutal carnalidade ou por suas insólitas conotações eróticas, e que não só eram frequentes e até mesmo “triviais” alguns séculos atrás, mas costumavam ser veneradas em templos e outros espaços igualmente públicos ou sagrados.

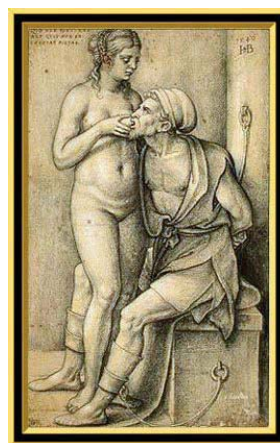
Entre elas, destacam-se algumas derivações da *Virgem do Leite*, particularmente aquelas que envolvem santos lactantes. Existe também uma lenda cristã referida a um mártir do século III, Saint Mammant ou Saint Mammès, cultuado desde o século VIII na catedral francesa de Langres (onde se alojam suas relíquias) e que em outras línguas também é conhecido como San Mamante, São Mamede, Saint Mamas ou San Mamete. Trata-se de um “santo lactante” em outros sentidos, motivo pelo qual chegou a virar protetor da amamentação. De acordo com os relatos tradicionais, este jovem cristão se alimentou do leite fornecido por diversos animais quando teve que se refugiar da perseguição romana nos arredores de Cesarea. Algumas versões, porém, asseveram que em tais circunstâncias ele teria encontrado um bebê abandonado e “estando sozinho e não tendo com o quê alimentá-lo, recebeu de Deus a graça de produzir leite para alimentar a pobre criança e salvá-la da morte certa” (Sandre-Pereira, 2003).<sup>4</sup>

Outro conjunto igualmente significativo, que vale visitar rapidamente no contexto deste ensaio, é composto pelas imagens referidas à *Caridade romana*. Segundo esta lenda latina, uma jovem chamada Pero saciou com seu próprio leite a fome de seu velho pai, enquanto este se encontrava condenado a morrer de inanição na prisão do Foro Olitorio – muito perto das ruínas onde depois seria construída a igreja San Nicola in Carcere, dedicada nada menos que à piedade filial. Vários autores resgataram essa

antiga estória e a plasmaram em textos, entre eles: Plínio O Velho, em sua *Naturalis Historia*, para o qual era a mãe da jovem quem estava reclusa, e não seu pai. De fato, o relato remonta ao escritor latino Valério Máximo, que o plasmara em seu livro *Facta et dicta memorabilia*, datado nas primeiras décadas da era cristã, como um exemplo de devoção filial. Esse autor conta duas versões da mesma história, uma com a mãe e outra com o pai, além de garantir que em seus tempos já existiam representações pictóricas do tema. A versão que transcendeu, no entanto, é aquela com o progenitor masculino como protagonista, um motivo vastamente recriado nas pinturas renascentistas dos séculos XVI e XVII (Fig. 11, 12 e 13).



Figura 11 – Peter Paul Rubens, 1612.  
Fonte: Museu Hermitage, São Petersburgo, Rússia.



Figuras 12 e 13 – Hans Sebald Beham, 1540 e 1544.  
Fonte: Museum of Fine Arts, Boston, EUA.

Falta aludir, por último, às imagens referidas aos martírios; em especial, aos casos daquelas santas cuja tortura implicou a amputação dos seios, como ocorrera com Santa Bárbara (Fig. 14 e 15) e Santa Ágata (Fig. 16 e 17). É preciso frisar que a nudez dos corpos era habitual neste tipo de obra, que não corriam riscos de ser censurados nesse sentido. E que todos esses tópicos foram profundamente retratados no Ocidente

cristão, pelo menos entre os séculos XIII e XVII. Por isso, um pergunta se impõe aqui: o que fez com que as imagens desse tipo fossem não apenas perfeitamente mostráveis a todos os espectadores daqueles tempos — inclusive, é claro, às crianças — mas que, além disso, tenham sido consideradas exemplares por exibirem cenas virtuosas, com potencial didático no plano moral e religioso? Essas obras que hoje chamaríamos artísticas — telas pintadas, iluminuras, vitrais

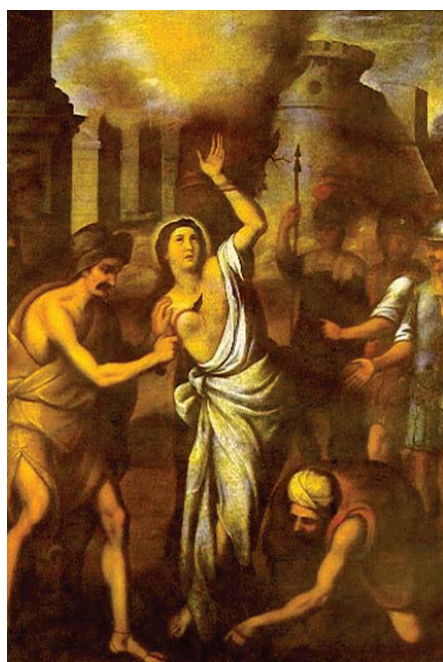


Figura 14 – Baltasar Vargas de Figueroa, 1659  
Fonte: Arquidiocese de Bogotá, Colômbia.

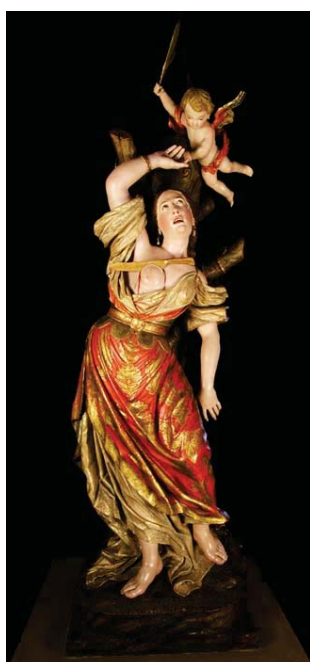


Figura 15 – Pedro Laboria, meados séc. XVII.  
Fonte: Arquidiocese de Bogotá, Colômbia.

e esculturas — e eram exibidas nas igrejas, nos hospitais e em outros locais públicos, enquanto, de alguma maneira, perturbam o olhar do espectador do século XXI. Por quê? Algo parece ter mudado nos modos em que enxergamos tais imagens.



**Figura 16** – Romualdo Formosa, 1765.

Fonte: Basílica de São Sebastião, Mellili, Sicília, Itália.



**Figura 17** – Sebastiano del Piombo, 1520.

Fonte: Palácio Pitti, Florença, Itália.

Retomando o caso das fotografias impugnadas em *Facebook*, cabe supor que estas peças medievais, renascentistas e coloniais não seriam facilmente digeríveis em algumas instâncias do mundo atual, enquanto as imagens hoje questionadas teriam sido assimiláveis nos repertórios daquelas épocas. Mesmo sem motivar atitudes extremas como a censura, há algo nessas estampas de outros tempos que choca o olhar contemporâneo, apesar das imensas liberdades hoje vigentes e da amplidão do leque de imagens que temos a nossa disposição.

Então, a que se devem essas transformações e em que consistem exatamente? O nó do conflito parece residir em certas mudanças ocorridas nos modos de olhar, que são historicamente constituídos e se desenvolvem dentro de determinados “regimes de visualidade”. Os corpos humanos constituem elementos chave nessas mutações, sobretudo quando eles se apresentam parcial ou totalmente nus, devido à intensa radiação simbólica e emotiva que tais visões costumam expelir. No caso dos seios femininos, a historiadora norte-americana Margareth Miles (2008, p. 9) realizou um estudo sobre a “secularização do peito” na cultura ocidental, constatando que “em 1350, o seio era um símbolo religioso; por volta de 1750, foi erotizado e medicalizado, de modo que já não seria mais utilizável, nem foi mais utilizado, como um símbolo religioso”. Por isso, se os devotos medievais enxergavam naqueles quadros e esculturas — que colocavam em cena o peito nu amamentando — a viva encarnação do milagre divino da nutrição física e espiritual, os observadores do século XVIII já viam outras coisas nessas mesmas imagens.

Essas conclusões coincidem com o olhar genealógico aqui proposto: a erotização dos seios femininos não é um fato universal, inscrito na mera biologia da espécie humana; tampouco se manifesta de forma idêntica em todas as culturas, e nem sequer permaneceu estável em nossa própria tradição. A pesquisadora brasileira Gilza Sandre-Pereira (2003), no artigo intitulado *Amamentação e sexualidade*, cita um livro clássico da antropologia comparativa, *Patterns of Sexual Behavior*, publicado em 1951 pelo antropólogo Clellan Ford e pelo psicólogo Frank Beach. Segundo esses autores, que estudaram as práticas sexuais em cerca de duzentas culturas diferentes, “somente treze entre elas conferiam um valor erótico aos seios, tendo seu aspecto físico um importante papel para a atração sexual masculina e sendo sua estimulação uma parte do ato sexual”. Sob essa perspectiva, não parece tão surpreendente que a cultura ocidental tenha relegado o seio prioritariamente à sua função alimentar, durante muito tempo,

em demérito de outros usos ou valores. Em seu livro intitulado *História do pudor* (1986), o francês Jean-Claude Bologne estuda essa transformação: somente no final da Idade Média, a visão do corpo nu teria começado a ganhar as conotações eróticas hoje habituais. Mas o seio ainda permaneceria alheio a essa mutação até o século XVIII, precisamente, com o surgimento do “amor romântico” e o desenvolvimento das formas modernas do sentimento conjugal. Nesses novos rituais de sedução, os seios passaram a desenvolver um papel primordial, atirando os olhares e ganhando outros sentidos. Com o transcorrer do tempo, “a função estética do corpo, e do seio em particular, se hipertrofiou”, complementa Sandre-Pereira, de modo que o peito feminino passou a ser percebido “primeiro e antes de tudo como um órgão sexual, de grande apelo erótico” (2013).

Portanto, mesmo desencantadas de suas antigas potências religiosas, não há dúvida de que as visões dessa parte da anatomia feminina permaneceram férteis em significações. Só que estas se tornaram gradativamente de outra ordem: enquanto sua carga mística agonizava e desativavam-se suas potências comoventes no plano espiritual, o saber anatômico e a indústria pornográfica as foram capturando, até acabar envolvendo-as em suas próprias lógicas. Assim, com os avanços da modernização do mundo e seus impulsos laicos, foi impossível deixar de enxergar nessas imagens algo da ordem da sexualidade, seja pelo viés da instrumentalização médica referida à reprodução ou à doença, seja pela via do erotismo e do desejo. Inclusive da obscenidade, ao identificar nelas algo que não deveria ser exposto por sua capacidade de ofender as premissas básicas da moral vigente, que devinha cada vez menos cristã e mais burguesa. Pois bem, se tal foi a trajetória delineada por esta linhagem imagética até o deslanchar da era moderna, o que enxerga nessas imagens um espectador contemporâneo? O que vemos nas estampas medievais e o que vemos nas fotos banidas de *Facebook*? E, ao observar isso que só

o olhar atual consegue enxergar, quais são as reações e moralizações que tais visões suscitam?

### **O olhar barroco erotiza (e censura) o mamilo da Virgem**

Foi em meados do século XV que a nudez começou a se tornar oficialmente “indecente”, num longo e complexo percurso que culminaria com sua expulsão da arte religiosa. Agindo ao mesmo tempo como causa e efeito dos processos de secularização — e, junto com eles, de erotização — que começavam a sacudir o mundo em vias de modernização, o Concílio de Trento impulsionou esse movimento. Essa iniciativa da hierarquia católica para reagir à Reforma Luterana, terminou reafirmando as tendências mais conservadoras da velha Igreja. Foi vetado o casamento dos sacerdotes e divulgou-se uma lista de livros proibidos, por exemplo, bem como um decreto sobre as imagens sagradas que definiria como se devia representar o divino. Seguindo este último veredicto, ordenou-se a repressão daquelas imagens que “por seus excessos físicos ou carnavais pudessem incitar o desejo de quem as contemplasse”, recomendando que não fossem ornamentadas “com formosura escandalosa” (Rodríguez Nóbrega, 2004, p. 12). Num dos concílios provinciais realizados no continente americano ecoando essa virada — como o de Santo Domingo, em 1622 — determinou-se que “nas pinturas sagradas se evite toda lascívia e se afaste toda superstição”, e que tanto as representações como as relíquias dos santos “não se adornem, nem se esculpam ou pintem com beleza torpe ou procaz”. Já o IV Concilio Provincial Mexicano, de 1771, proibiria “pintar Nossa Senhora e as santas com decotes e vestiduras profanas que elas nunca usaram, seja com os seios descobertos, seja em poses provocantes, seja com adornos das mulheres do século” (Rodríguez Nóbrega, 2004, pp. 12 e 15).

Como a nudez passou a ser erotizada à maneira moderna e, ao mesmo tempo, a reformulação moral então em andamento a recheou de conotações negativas, a

Virgem mudou de hábitos: a partir de então, ela só deveria se mostrar pudica e totalmente vestida. Não é difícil associar esses deslocamentos aos avanços do capitalismo, ancorados nas reformulações de certa ética protestante. Porque “se na Idade Média o pecado mais combatido pela Igreja Católica tinha sido a avareza”, conforme explica a historiadora venezuelana Janeth Rodríguez Nóbrega (2004, p. 14), “a partir do século XVI encontramos uma preocupação maior pela luxúria e pelos delitos de índole sexual”. As imagens da *Virgem do Leite* não saíram incólumes dessa reformulação: antes habituais e muito veneradas em sua pureza fora de qualquer suspeita, começaram a ser questionadas por sua inadmissível “falta de decoro”. Nos países onde a Reforma triunfara, foram atacadas por serem “demasiadamente mundanas ou generosas”, enquanto os católicos as julgavam inconvenientes nem tanto por sua ostentação fútil ou terrena, mas devido a sua insinuação erótica e ao fato de serem “indecentes e desonestas” (Rodríguez Nóbrega, 2004, p. 13).

O monge dominicano Girolamo Savonarola, uma das faces mais cruéis da Inquisição, carrega entre suas proezas a responsabilidade por ter queimado em praça pública boa parte das imagens de corpos nus surgidas da ebulição renascentista. Assim como, muitas obras consideradas clássicas que até então tinham servido à devoção cristã; mas, de acordo com a reação católica, encarnavam o declínio geral dos valores que pôs fim a Idade Média. Isso ocorreu pouco antes de ele próprio ter sido incinerado na praça central de Florença, em 1498. Mas a chama já tinha sido acesa e se expandiu por toda parte: sob as influências obscuras da Inquisição espanhola, por exemplo, inclusive já no “iluminado” século XVIII, várias dessas obras se tornaram alvo de discussões e polêmicas nas colônias latino-americanas. Muitas telas foram destruídas ou escondidas, ou então se optava por dissimular a nudez corporal mediante a pintura de véus e vestes sobrepostas. Rodríguez Nóbrega analisa, no artigo antes citado, um

quadro da *Virgem do Leite* que foi censurado dessa última maneira, em Caracas, graças à confusa superposição de uma flor (Fig. 18)<sup>5</sup>.



**Figura 18** – Anônimo, retocado em meados do séc. XVIII.

Fonte: Galeria de Arte Nacional, Caracas, Venezuela.

Por sua vez, no Museu de Arte Colonial de Bogotá, expõe-se uma pintura desse tipo na qual o seio da Virgem, outrora escancarado, fora castamente coberto com rendas esboçadas na mesma época, em resposta às conotações eróticas que começavam a turvar os olhares dos fieis. Mas a mudança de atitude não se limitou ao Novo Mundo: pesquisadora venezuelana recém-citada resgata, ainda, um episódio protagonizado por Giacomo Casanova, também no século XVIII, durante um passeio por Madri. O famoso amante veneziano teve a ocasião de conhecer então, numa igreja local, uma pintura da *Virgem do Leite* que “inflamava a imaginação” e que, portanto, costumava convocar uma extraordinária presença de fieis masculinos no referido templo. Ao regressar à cidade espanhola em 1768, porém, Casanova descobrira que “o peito da Santíssima Virgem já não estava visível”, pois “um lenço pintado pelo mais perverso dos pintores tinha estragado este soberbo quadro”. Com pesar e até com certa

indignação, o aventureiro escritor reconheceu que “já não se via mais nada, nem sequer o mamilo, nem a boca do menino Jesus, nem o relevo do seio” (Rodríguez Nóbrega, p. 23).

De modo semelhante ao que aconteceu com os peitos retificados dessas virgens coloniais e hispânicas, nada menos que o *Juízo Final*, pintado em 1541 por Michelangelo Buonarroti no teto da Capela Sistina do Vaticano, foi considerado indecente pelas novas correntes morais, devido ao excesso de corpos nus e ao naturalismo quase anatômico de seu estilo (Fig. 19).

E não surpreende muito que Pietro Aretino, considerado o fundador da pornografia como gênero, esteja entre os muitos críticos que se escandalizaram com o teor erótico dos afrescos, insinuando que eles talvez fossem adequados para decorar “um voluptuoso banheiro público, mas não o coro da mais sagrada das capelas” (Miles, 2008, p. 123). Como resultado dessas efusões, desconhecemos a versão original pintada pelo artista toscano,



Figura 19 – Michelangelo Buonarroti, 1541.

Fonte: Capela Sistina, Vaticano, Itália.

pois cinco anos após sua conclusão foram encomendados vários retoques com o fim de vestir as figuras nuas e, nos dois séculos seguintes, mais e mais panos decorosos se adicionaram repetidamente.<sup>6</sup>

Foi preciso, então, vestir os corpos cuja nudez antes exalara conotações divinas e espirituais, cobrindo desse modo as vergonhas neles derramadas pelos olhares que se estavam modernizando e secularizando, assim como ocorreria depois com as virgens caribenhas que também se tornaram, subitamente, obscenas. Margareth Miles (2008, p. 30) compara tais rejeições com a aceitação admirada que recebera, quatro décadas antes dos escândalos vaticanos, o quadro *A ressurreição da carne*, de Luca Signorelli, no qual vários corpos nus se expõem sem que os espectadores da época tenham neles enxergado qualquer sinal vergonhoso (Fig. 20). Quiçá porque o olhar sobre a nudez não tinha se erotizado ainda, acompanhando a secularização que engendraria um novo regime de visualidade. Mas, à medida que sua carga religiosa foi perdendo fôlego, essas imagens começaram a irradiar outras conotações, surgidas do domínio médico e do campo erótico. Junto com esses deslocamentos do



Figura 20 – Luca Signorelli, 1500-1503.  
Fonte: Catedral de Orvieto, Itália.

sentido, também mudaram as valorizações morais e as decorrentes condenações que tais imagens incitam.

“Nenhum outro tipo de figuração é possível na representação de criaturas ressuscitadas”, expressou Michelangelo em defesa de sua obra, acrescentando que “não temos nenhuma outra prova, nenhum outro fruto do céu na terra” (Miles, 2008, p. 31). Mas tal esforço argumentativo foi em vão: a nudez já estava perdendo sua antiga inocência religiosa e logo cairia na era de sua maldição secular. Tudo isto soa um tanto paradoxal: com o desabamento da cosmovisão medieval, os corpos nus se tornaram “malditos” de modos inéditos até então. Sua exposição foi condenada à escuridão sob o argumento de ser “sexualmente explícita”, numa fúria que tem mais de burguesa que de cristã e que, incrivelmente, parece perdurar até hoje. As atitudes de *Facebook* comentadas no início deste ensaio ilustram a persistência dessa ira ou desse pavor, embora talvez sejam mais interessantes as reações de repúdio que tais gestos suscitaram por insinuarem que algo pode estar mudando novamente neste importante campo de batalha.

### **O que incomoda hoje, nas imagens de corpos nus?**

Tendo em vista a densa estirpe visitada nas páginas precedentes, a pergunta que norteou esta sondagem retorna aqui, embora reformulada e multiplicada. O que resulta transgressor nas exibições corporais da atualidade? Quando se considera que um corpo está verdadeiramente nu e o que isso implica, que reações provoca ou deveria provocar? O que poderia ofender a ambígua moral vigente? O que seria capaz de causar escândalos e seus decorrentes ímpetos censores hoje em dia, quando a ética puritana e a produção disciplinada deixaram de constituir as principais forças a impulsionarem o capitalismo, colocando em xeque a velha “moral burguesa”? Não são perguntas que aceitem respostas simples ou rápidas, daí o fascínio que suscitam,

estimulando um olhar genealógico capaz de jogar luzes sobre as complexidades — e até mesmo as muitas contradições — da atualidade.

Por um lado, parece se constatar uma tendência rumo à exposição corporal cada vez mais ampla e sem tapumes: os corpos contemporâneos têm conquistado certa liberdade para se mostrarem, sem barreiras capazes de detê-los, cobri-los, envergonhá-los ou censurá-los. Mas os episódios protagonizados por *Facebook* em 2012 desmentem este argumento, trazendo à tona certas moralizações que parecem antiquadas: uma censura laica, não religiosa, cuja cristalização remete à alvorada da era moderna. Esses acontecimentos evocam a persistência desse movimento consolidado no iluminista século XVIII: um deslocamento simbólico da nudez — e, particularmente, dos seios femininos — em direção a algo da ordem do vergonhoso. A genealogia traçada rapidamente neste ensaio sugere que, apesar das constrições que marcavam o cotidiano da vida medieval, os habitantes daquele universo não julgavam com rigor moralizante a nudez exposta em certas imagens que os assistiam em sua devoção religiosa. Pode soar paradoxal, mas foi com a secularização do mundo que se engendrou outro tipo de olhar, que passou a recusar a exposição de determinadas zonas da anatomia, condenando à infâmia aquelas imagens que exalassem insinuações sexuais consideradas excessivas para uma moralidade cada vez mais moderna e menos medieval.

Mas tudo isso também ocorreu há muito tempo: vários autores coincidem em assinalar que tais deslocamentos teriam sedimentado cerca de trezentos anos atrás. Com os avanços do século XIX e, sobretudo, do múltiplo e veloz século XX, não podia permanecer imutável aquilo que resulta incômodo na observação dos corpos nus ou consideravelmente despidos. Como se plasmaram essas transformações? Se indagarmos o momento presente, não é difícil notar que certos atributos corporais — como as rugas, os pelos, a flacidez e as adiposidades, por exemplo — tornaram-se alvos

de atitudes “censoras” desdobradas nas últimas décadas. É inevitável aludir ao célebre *Photoshop*, com sua tarefa purificadora das imagens corporais, como um emblema desse instrumental cada vez mais expandido e indispensável (Fig. 21 e 22). Enquanto isso, a exposição aberta dos genitais e as alusões mais explícitas à sexualidade acabaram ganhando seus respectivos direitos à visibilidade nos âmbitos mais diversos: das manifestações políticas nas ruas das cidades até as artes contemporâneas e amplos setores do abanico mediático, não apenas aqueles nichos rotulados como pornográficos.



Figuras 21 e 22 – Exemplos de usos habituais das ferramentas para a edição digital das imagens corporais, que circulam na internet.

Fontes: <<http://bebidaliberada.com.br/humor-liberado/>>; <<http://fotos.noticias.bol.uol.com.br>> (cosplays-antes-e-depois-do-photoshop, 21/07/2013).



Não é o caso do *Facebook*, porém, o que configura um sintoma que não deveria ser menosprezado. Cabe apontar que essa rede social costuma censurar também outra variedade de imagens que considera indecentes: desde fotografias de beijos entre pessoas do mesmo sexo até reproduções de obras consagradas como *A origem do mundo* (1886), de Gustave Courbet (**Fig. 23**).<sup>7</sup> Um caso que gerou muitas críticas foi a foto do peito tatuado de uma mulher submetida a dupla mastectomia, que ainda assim não escapou à habitual suspensão (**Fig. 24**).<sup>8</sup> Mas é justamente o rechaço a tais atitudes o que aporta mais pistas sobre as ambíguas definições de obscenidade na



**Figura 23** – Facebook proíbe outras imagens “indecentes”.

Fonte: AFP, 16/02/2011.



**Figura 24** – Peito de mulher com mastectomia também é banido.

Fonte: Terra, 21/02/2013.

cultura contemporânea, já que essa oposição abunda e é bastante enfática. Para um setor crescente da população mundial, neste globalizado e multicultural século XXI, o estigma do tabu não apontaria seu dedo acusador — e nem seus decorrentes véus ou punições — para o mamilo exposto de uma mãe que amamenta seu filho, seja virginal ou não, como se vinha fazendo desde que a secularização do mundo deslocou os simbolismos antes associados a essa nudez, erotizando e moralizando os olhares neste sentido.

Contudo, delineia-se aqui uma suspeita: se esse novo deslocamento está em curso, isto não implica que a liberdade de exibição agora seja total, nem sequer que esteja em aumento, sob a ilusão de um progresso lineal que nos impulsionaria sempre adiante. Muito pelo contrário, quiçá, porque nos últimos tempos tem emergido outro tipo de “censura” que se dirige às imagens corporais contemporâneas com muita mais insídia, ao ponto de ter se naturalizado na moral vigente. Essa proibição, associada a novos pudores e pavores, não costuma inspirar resistências porque se acredita justificada: é aquela que tende a alisar as peles e afinar ou ajustar os volumes carnis, apagando tudo o que agora se considera “indecente”.

O percurso genealógico aqui traçado sugere que esse gesto tão atual, de retocar e corrigir os contornos das figuras humanas, tanto em sua imagem bidimensional como na própria superfície corporal — neste último caso, por meio de cirurgias plásticas, botox e outros tratamentos estéticos hoje *en voga* — poderia ser comparável àquele recato censor que se verteu sobre os nus religiosos ao se deflagrar a secularização do mundo e dos olhares (Fig. 25, 26 e 27). Embora os motivos atuais sejam outros, claro, pois tanto o mundo como nossos olhares e corpos também mudaram. Nestas novas práticas se entrelaçam, de modos complexos e inéditos, certos elementos da medicalização e da pornografia, enquanto nada parece restar das velhas conotações espirituais.



**Figura 25** – Publicidade de uma clínica de cirurgia plástica.  
Fonte: <<http://www.cirumed.es/cirugia-plastica>> (21/07/2013).



**Figura 26** – Resultado de um implante de silicone.  
Fonte: <<http://silicone.blog.br>> (21/07/2013).



**Figura 27** – Como uma sorte de “resistência” às novas moralizações, na internet abundam imagens como estas, que visam a denunciar os procedimentos de transformação física e intervenção digital nas imagens corporais.

Fonte: <<http://truquitosyalgomias.blogspot.com.br/p/famosos-al-descubierto.html>> (28/07/2013).

Para tentar compreender melhor como e por que essa mutação está ocorrendo, cabe prestar atenção às artes contemporâneas, em seu diálogo tenso e complexo com essas silhuetas “censuradas” da produção midiática. Em incontáveis manifestações atuais desse campo, os corpos que se mostram pertencem aos próprios artistas — em muitos casos, contrariando fortes tradições, trata-se de mulheres — e às vezes, inclusive, são os corpos dos espectadores que conquistam a cena, num movimento que implica tanto uma expansão como uma redefinição do autorretrato. Talvez se esteja fazendo um esforço, nesse terreno, por *re-sacralizar*, de algum modo, as imagens corporais em contato ativo com a rica memória imagética que nos constitui, procurando *des-secularizar* e até mesmo *des-erotizar* sua nudez (Fig. 28 a 32). Quiçá se trate de desnudá-la por sua vez, para poder vê-la e vivê-la de outras formas ao imantá-la com novos sentidos e



Figuras 28 e 29 – Ron Mueck, 2001.  
Fonte: Museu Brandhorst, Munich, Alemanha



ao lhe conceder outras significações. Não é casual que esse campo hoje se encontre em ebulição, como dando conta de uma importante disputa: talvez se esteja gestando ali uma nova torção nos regimes de visualidade, uma transição rumo a outras formas de ver, viver e simbolizar a nudez corporal. ●



Figuras 30, 31 e 32 – Rineke Dijkstra, 1994.

Fonte: COTTON, Charlotte. *A fotografia como arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, pp. 112-113.

## REFERÊNCIAS

BOLOGNE, Jean-Claude. *Histoire de la pudeur*. Paris: Olivier Orban, 1986.

CARDAILLAC, Louis. Erotismo y santidad. In: *Intersticios Sociales*, México: Colégio de Jalisco, n. 3, mar.-ago. 2012.

MILES, Margareth. *A complex delight: The secularization of the breast, 1350-1750*. Berkeley: University of California Press, 2008.

NISZ, Charles. Pornografia responde por 30% do tráfego da Internet. *Yahoo! Notícias*, Brasil, 10/04/2012. Disponível em: <<http://br.noticias.yahoo.com/blogs/vi-na-internet/pornografia-responde-por-30-tr%C3%A1fego-da-internet-203930143.html>>. Acesso em: 11 fev. 2013.

FACEBOOK. *Padrões da Comunidade do Facebook*. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/communitystandards>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

PEMBERTON, Kim. Facebook clarifies breastfeeding photo policy after Vancouver complaint. *Vancouver Sun*, 17/01/2012. Disponível em: <<http://www.vancouver.com/health/Facebook+clarifies+breastfeeding+photo+policy+after+Vancouver+complaint/6010467/story.html>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

RODRIGUEZ NÓBREGA, Janeth. En torno a la recepción de la imagen sagrada en la época colonial: censura de una Virgen de la Leche. *Escritos en Arte, Estética y Cultura*, III Etapa, n. 19-20, Caracas, jan.-dez. 2004, pp. 3-26. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/44626573/VLeche-Janeth-Rodriguez>>.

SANDRE-PEREIRA, Gilza. Amamentação e sexualidade. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, Dec. 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200007>>. Acesso em: 17 fev. 2013.

SHOEMAKER-GALLOWAY, Jace. Facebook deletes Emma Kwasnica's 'sexually explicit' breastfeeding pics. *Examiner*, 13/01/2012. Disponível em: <<http://www.examiner.com/article/facebook-deletes-emma-kwasnica-s-sexually-explicit-breastfeeding-pics-update>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

USUÁRIA é suspensa do Facebook depois de colocar foto amamentando filha, *IG São Paulo*, 20/11/2012. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/filhos/2012-11-20/usuario-e-suspensa-do-facebook-depois-de-colocar-foto-amamentando-filha.html>>. Acesso em: 08 fev. 2013.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Este trabalho é uma versão do artigo apresentado no Grupo de “Comunicação e Sociabilidade” do XXII Encontro Anual da Compós, ocorrido na Universidade Federal da Bahia, Salvador, de 04 a 07 de junho de 2013.
- <sup>2</sup> Para mais informações sobre este peculiar motivo, ver CARDAILLAC, Louis. “Erotismo y santidad”, in *Intersticios Sociales*, Colegio de Jalisco, México, n. 3, mar.-ago. 2012; e LETT, Didier et al. “L’allaitement des saints au Moyen Âge. Un seul sein vénérable: Le sein de la Vierge”. In: BONNET, Doris; Le Grand-Séville, Catherine.; Morel Marie France (Orgs.). *Allaitements en marge*. Paris: L’Harmattan, 2002.
- <sup>3</sup> Cabe mencionar, entretanto, o livro intitulado *The Sexuality of Christ in Renaissance Painting and in Modern Oblivion* (Nova Iorque: Pantheon, 1984), no qual Leo Steinberg analisa uma série de imagens dos séculos XV e XVI, referidas tanto à infância como a crucificação, deposição e ressurreição de Cristo, cujo foco apontaria insistentemente a seu pênis e, em certos casos, à sua condição ereta.
- <sup>4</sup> Para aprofundar neste curioso motivo do aleitamento masculino, sugere-se consultar LIONETTI, Roberto. *Le lait du père*. Paris: Imago, 1988.
- <sup>5</sup> Recomenda-se a leitura do livro completo que esta autora publicou sobre o assunto: RODRIGUEZ NÓBREGA, Janeth. *Las imágenes expurgadas: censura del arte religioso en el período colonial*. León, Espanha: Universidad de León, 2008.

- <sup>6</sup> A história desses retoques é muito eloqüente: DE VECCHI, Pierluigi. *The Sixtine Chapel: A glorious restoration*. Nova Iorque: Harry Abrams, 1994; e RESSOUNI-DEMIGNEUX, Karim. "Des nus inconvenants: Michel Ange, Le Jugement Dernier", in *Les grands scandales de l'histoire de l'art*. Paris: Beaux Arts, 2008; p. 22-25.
- <sup>7</sup> "Facebook exclui usuário que postou 'A Origem do Mundo', de Courbet", *Exame*, 6/02/2011; <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/facebook-exclui-usuario-que-postou-a-origem-do-mundo-de-courbet>>; TRINDADE, Welton. "Ridículo: Facebook censura beijo gay novamente", *Parou tudo*, 23/03/2012; <<http://paroutudo.com/2012/03/23/facebook-censura-de-novo-beijo-gay>>; e "Poder LGBT: Depois de protestos, Facebook deixa de censurar foto gay", *Parou tudo*, 20/04/2011; <<http://paroutudo.com/2011/04/20/facebook-censura-foto-gay-mas-volta-atras-depois-de-protestos-de-usuarios>>.
- <sup>8</sup> NISZ, Charles. "Banida do Facebook, imagem de mulher tatuada se torna viral", *Yahoo! Notícias*, 20/02/2013; <<http://br.noticias.yahoo.com/blogs/vi-na-internet/banida-facebook-imagem-mulher-tatuada-se-torna-viral-000226219.html>>.

Recebido em: 21 ago. 2013

Aceito em: 05 mar. 2014

**Endereço da autora:**

Paula Sibilia <[sibilia@ig.com.br](mailto:sibilia@ig.com.br)>

Centro de Estudos Gerais – Instituto de Artes e Comunicação Social

Departamento de Estudos Culturais e Mídia – Universidade Federal Fluminense

Rua Lara Vilela, 126 – São Domingos

24210-590 Niterói, RJ, Brasil